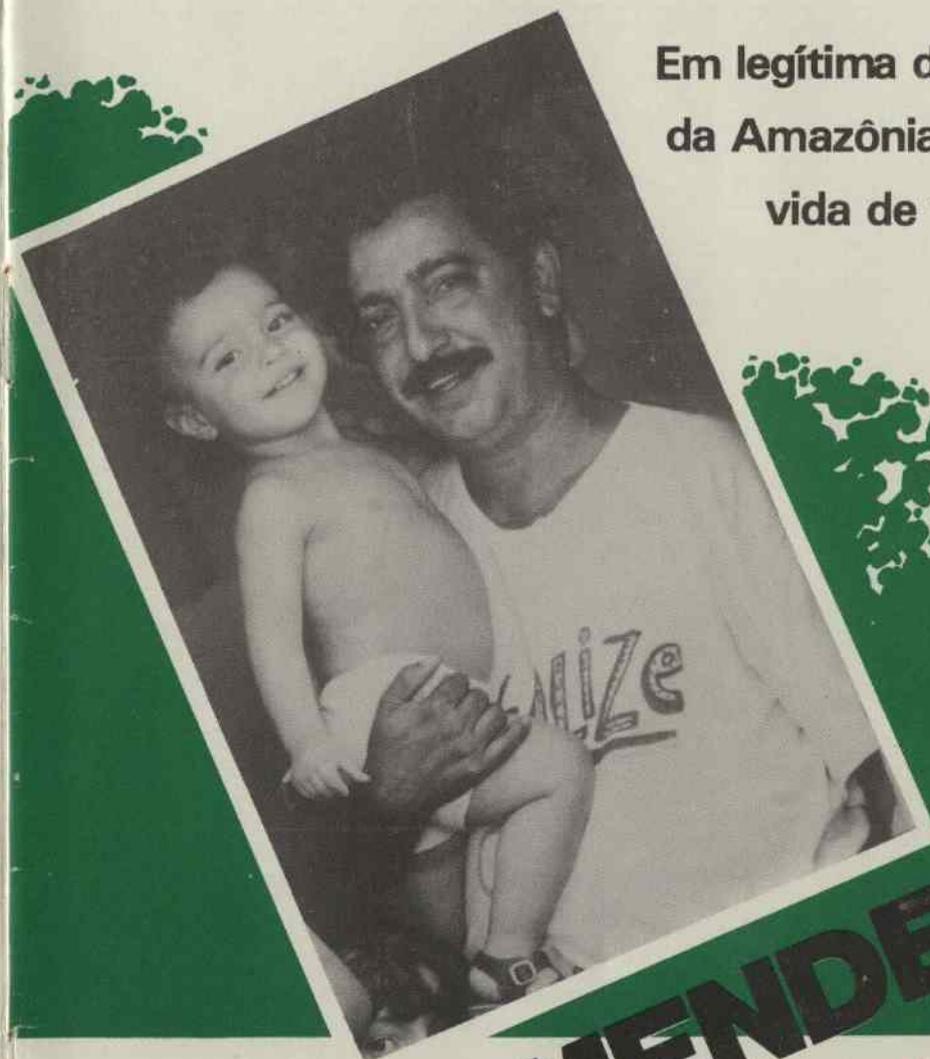




Comitê de Apoio aos Povos da Floresta SP
CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros
Departamento Rural da CUT



Em legítima defesa
da Amazônia e da
vida de todos
nós

CHICO MENDES

o seringueiro



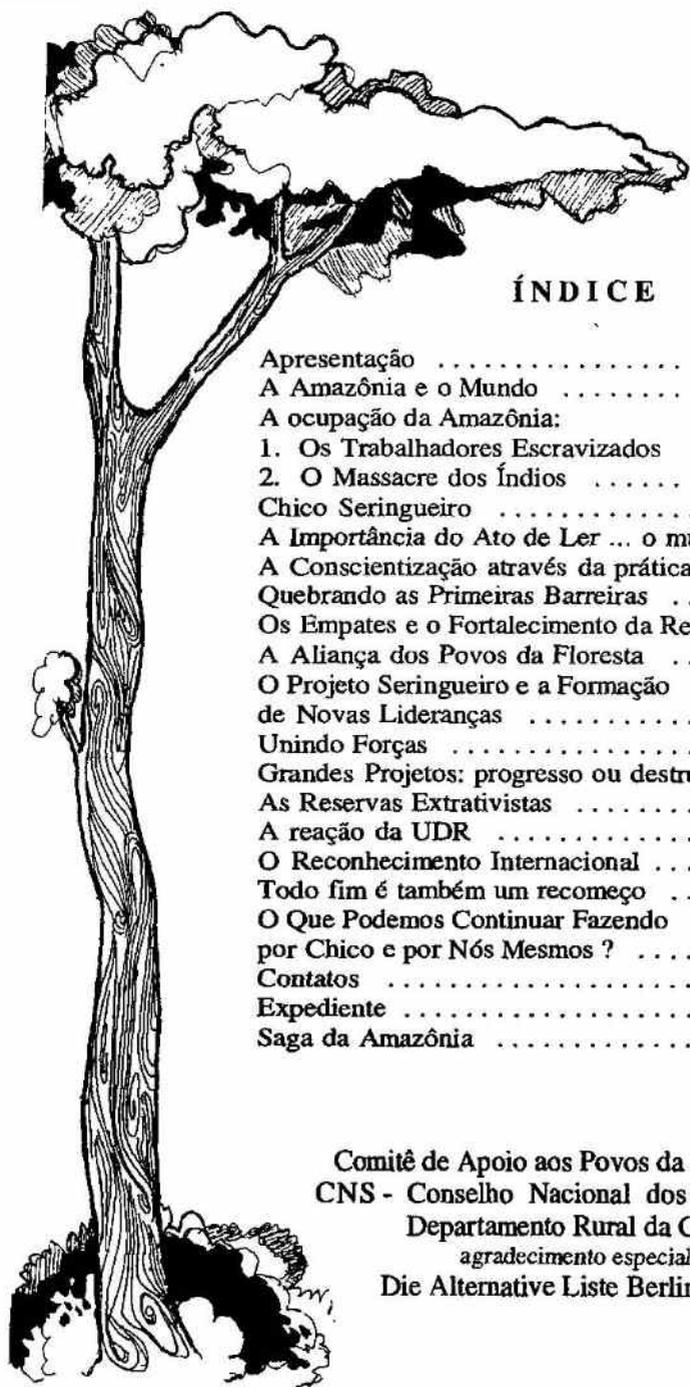
Chico Mendes no 3º CONCURTO / set. 88, BH

CEDI - P. 1 B.
DATA 08/12/89
COD. 040 00019

CHICO MENDES

o seringueiro

Comitê de Apoio aos Povos da Floresta SP
CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros
Departamento Rural da CUT
agradecimento especial:
Die Alternative Liste Berlin - RFA
agosto de 1989



ÍNDICE

Apresentação	03
A Amazônia e o Mundo	04
A ocupação da Amazônia:	
1. Os Trabalhadores Escravizados	05
2. O Massacre dos Índios	06
Chico Seringueiro	07
A Importância do Ato de Ler ... o mundo	08
A Conscientização através da prática	09
Quebrando as Primeiras Barreiras	10
Os Empates e o Fortalecimento da Resistência ...	11
A Aliança dos Povos da Floresta	12
O Projeto Seringueiro e a Formação de Novas Lideranças	14
Unindo Forças	15
Grandes Projetos: progresso ou destruição ?	16
As Reservas Extrativistas	17
A reação da UDR	18
O Reconhecimento Internacional	19
Todo fim é também um recomeço	20
O Que Podemos Continuar Fazendo por Chico e por Nós Mesmos ?	21
Contatos	23
Expediente	24
Saga da Amazônia	25

Comitê de Apoio aos Povos da Floresta SP
CNS - Conselho Nacional dos Seringueiros
Departamento Rural da CUT
agradecimento especial:
Die Alternative Liste Berlin - RFA

Apresentação

Muito se fala hoje em ecologia e em meio ambiente. Alguns dizem que essa preocupação pode mudar a maneira das pessoas enxergarem o mundo. Outras dizem que isto só serviria para desviar a atenção das pessoas de seus verdadeiros problemas como a fome, a injustiça social, a corrupção, a violência no campo e nas cidades, etc.

Porém, o trabalho desenvolvido tanto pelos seringueiros no Acre, como por vários povos indígenas e pelas organizações de trabalhadores nestes últimos tempos, vem nos mostrando que a luta por melhores condições de trabalho está intimamente ligada à luta por melhor qualidade de vida. Para divulgar um pouco dessa experiência é que elaboramos esta cartilha.

Ela nos mostra um pouco da vida e dos ideais pelos quais Chico Mendes, seringueiro, líder sindical e ecologista, viveu e foi assassinado por aqueles que não respeitam o que existe de mais belo e sagrado neste mundo: a vida, em todos os sentidos.

Assim, esperamos que estas idéias ganhem cada vez mais força e que cada um de nós possa adaptá-las à nossa própria realidade para que possamos, enfim, construir um mundo livre e melhor para todas as gerações, de hoje e de sempre.



“É preciso
progredir sem
destruir”

Chico Mendes

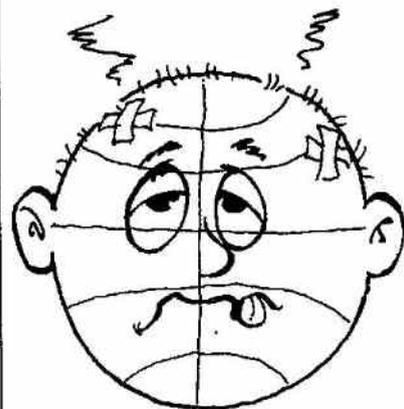


A degradação do meio ambiente, entre outros problemas ...

... começa a ganhar espaços em todo o mundo.

SERA' QUE NÃO DA' PARA VOCÊS PARAREM? QUEM SOMOS NÓS PARA ..

ROUBARMOS DOS NOSSOS FILHOS O DIREITO A UM MUNDO E A UMA VIDA MELHOR ?



A ocupação da Amazônia

1. OS TRABALHADORES ESCRAVIZADOS



Essa história toda começou com a exploração da borracha na Amazônia, iniciada no final do século passado.

Logo se percebeu que essa exploração poderia render altos lucros. Começaram, então, a prometer muitas coisas para as pessoas que não agüentavam mais as pressões dos latifundiários no NE e que passaram a acreditar na possibilidade de uma vida melhor na Floresta Amazônica.

Assim, a Amazônia foi sendo ocupada por milhares de migrantes nordestinos que se tornaram seringueiros, passando a viver isolados

dentro da mata, tendo que entregar toda sua produção ao seu patrão, em troca de produtos para a subsistência de sua família.

Os patrões eram os seringalistas que vendiam toda a produção a intermediários, antes mesmo dela se realizar.

Então, esta produção tinha que ser atingida pelos seringueiros que trabalhavam para estes patrões, que se tornavam cada vez mais ricos. Foi assim que Manaus e o seu teatro foram construídos, em boa parte, com os lucros deste primeiro ciclo da borracha.

A ocupação da Amazônia

2. O MASSACRE DOS ÍNDIOS



Porém, quem levou a pior foram os índios, que foram mortos não só pelo grande número de invasores apoiados pelos seus patrões e pela própria polícia, como também pelas doenças que os brancos lhes traziam. Assim, diversas nações indígenas foram exterminadas.

No entanto, a assimilação da cultura indígena pelos seringueiros, a consciência de que a floresta era o mesmo meio de vida para os dois povos e a situação de opressão vivida em comum pelos mesmos, estabeleceu uma aliança potencial entre ambos, e que se tornou uma das preocupações de Chico.

Por outro lado, aqueles migrantes nordestinos, ao se tornarem seringueiros, foram se adaptando à floresta, enfrentando doenças, animais e todo tipo de dificuldade imaginável.

Porém, antes dessa ocupação, os índios já habitavam aquelas terras conhecendo-as profundamente, e por isso tendo o maior respeito por tudo o que existia sobre ela.

Isso provocou um conflito entre os novos e os antigos habitantes da floresta, gerando muitas mortes de ambos os lados.



Chico Seringueiro

Chico Mendes nasceu em 1944, num seringal chamado Porto Rico, onde trabalhava seu pai. Aos nove anos ele já o acompanhava pelas estradas de seringa. Estas estradas onde se encontram espalhadas as seringueiras, chegam a medir até

1944, em algum lugar nos
SERINGAIS.



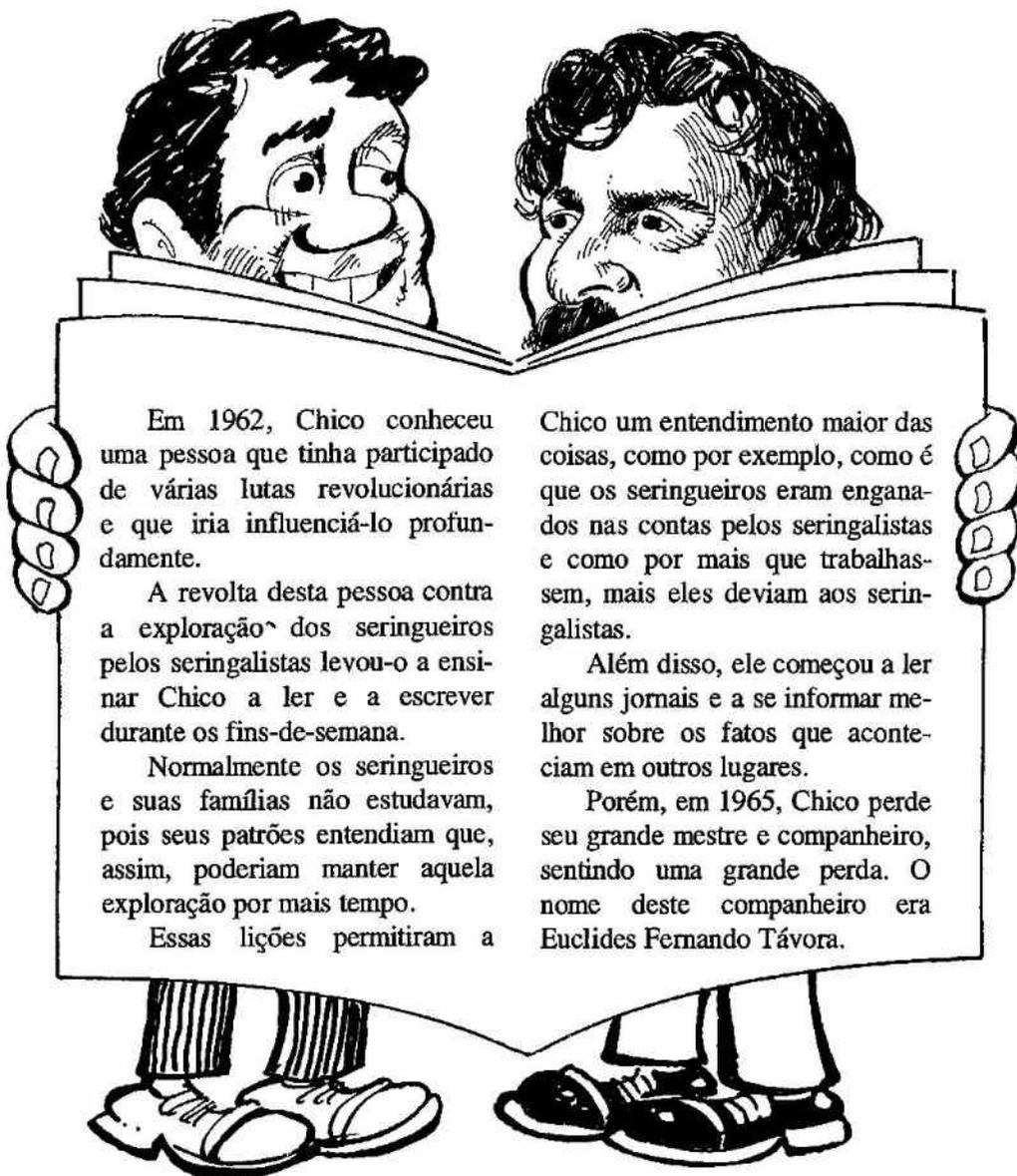
30 km de extensão, sendo percorridas duas vezes num mesmo dia.

Na primeira, antes do anoitecer, são feitos os cortes nas seringueiras e são colocadas as latas que, durante a noite, recolhem o látex que escorre das árvores.

Ainda antes do amanhecer o seringueiro volta a percorrer as estradas, com uma lamparina de querosene presa à sua cabeça, chamada poronga, para recolher o látex que eles trocam no barracão do seringalista por produtos para a sua subsistência.

Todo este trabalho, de vários seringueiros, gerava apenas o lucro para uns poucos seringalistas, que pagavam um preço baixo pela borracha, em troca dos produtos que vendia a preços bastante altos para os seringueiros deixando-os endividados para com ele (o seringalista).

A Importância do Ato de Ler ... o mundo



Em 1962, Chico conheceu uma pessoa que tinha participado de várias lutas revolucionárias e que iria influenciá-lo profundamente.

A revolta desta pessoa contra a exploração dos seringueiros pelos seringalistas levou-o a ensinar Chico a ler e a escrever durante os fins-de-semana.

Normalmente os seringueiros e suas famílias não estudavam, pois seus patrões entendiam que, assim, poderiam manter aquela exploração por mais tempo.

Essas lições permitiram a

Chico um entendimento maior das coisas, como por exemplo, como é que os seringueiros eram enganados nas contas pelos seringalistas e como por mais que trabalhassem, mais eles deviam aos seringalistas.

Além disso, ele começou a ler alguns jornais e a se informar melhor sobre os fatos que aconteciam em outros lugares.

Porém, em 1965, Chico perde seu grande mestre e companheiro, sentindo uma grande perda. O nome deste companheiro era Euclides Fernando Távora.

Conscientização através da prática



Como vimos até aqui, os seringueiros eram muito explorados por não saberem ler nem contar, mas também por não poderem se organizar contra toda a exploração imposta pelo esquema de comercialização da borracha.

Assim, Chico percebeu que alguma coisa precisava ser feita para se modificar essa situação.

Foi então que, em 1965, ele começou um trabalho de conscientização dos seringueiros, mostrando a eles que era possível se quebrar o esquema dos seringalistas vendendo seu produto a algum marreteiro que pagasse melhor pela borracha produzida.

Os marreteiros eram intermediários, que furavam o esquema dos seringalistas, comprando o látex dos seringueiros, vendendo-lhes bens de subsistência a preços mais baixos, com os quais os seringueiros podiam juntar algumas economias.

Junto com esse trabalho, feito de maneira isolada, Chico conseguiu, até 1975, organizar grupos de alfabetização, em que cerca de 50 companheiros seus aprenderam a ler e a escrever.

Quebrando as primeiras barreiras



Ao saber desse seu trabalho, começaram a surgir pressões externas aos seringueiros, de pessoas que

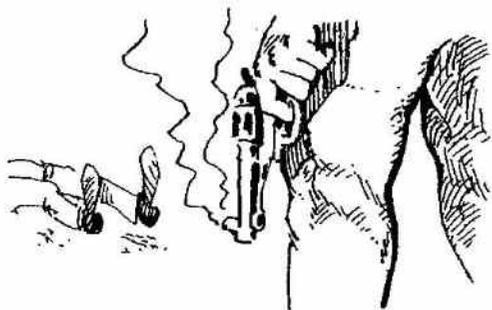
alegavam ser aquele um movimento de agitação que comprometeria a vida e a tranquilidade dos seringueiros.



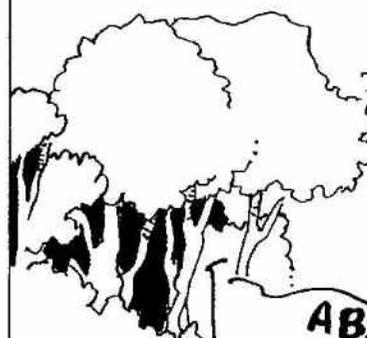
Chico passou a ser perseguido e, para não ser preso, teve que viver se escondendo. Em 1975, ele ficou sabendo de um curso sobre sindicalismo em Brasília e seguindo os ensinamentos de Euclides foi fazer o tal curso.

A partir desse curso, formou-se o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, tendo como presidente Wilson Pinheiro e Chico Mendes como seu secretário geral.

Em 1977, a delegacia regional de Xapuri se transformou em sindicato. Em 1980, ano da posse de Chico como presidente do sindicato de Xapuri, Wilson acabou sendo assassinado. Mais tarde, Chico Mendes auxiliou na fundação CUT e do Conselho Nacional de Seringueiros, pertencendo à direção de ambas as entidades.



OS EMPATES E O FORTALECIMENTO DA RESISTÊNCIA



Todo esse clima de violência é fruto da truculência daqueles que não querem ver seus privilégios ameaçados pela luta dos trabalhadores em defesa de seus direitos legítimos e por melhores condições de vida e de trabalho.

Um exemplo típico dessa luta são os empates, que começaram em 1976, quando três seringueiros avisaram aos companheiros que a área em que eles trabalhavam estava sendo desmatada por fazendeiros,

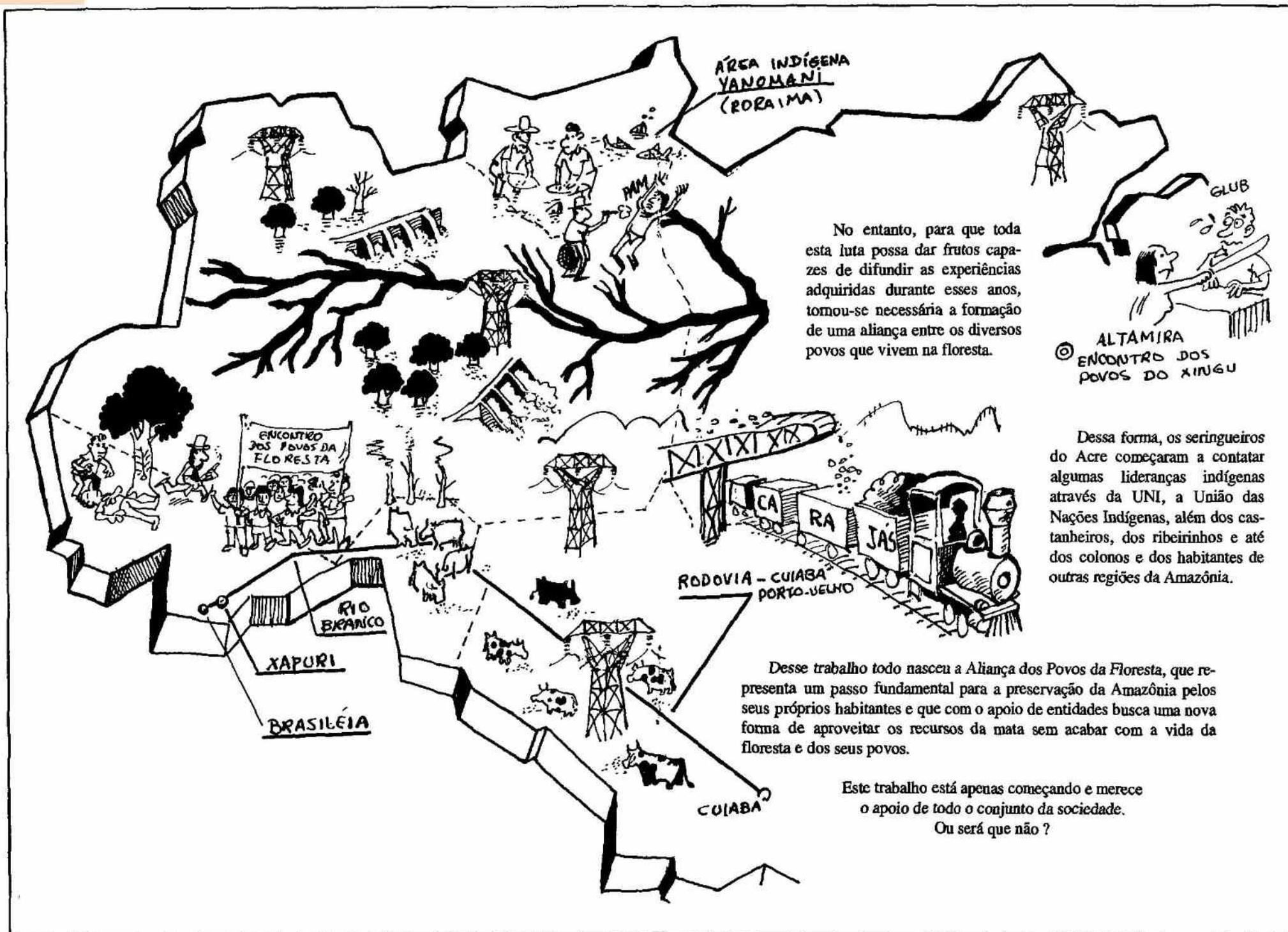
que queriam vê-la transformada em pasto, provocando a expulsão dos trabalhadores da floresta.

Para isso tinham mandado cerca de 100 peões mais alguns pistoleiros que "garantiriam" a realização daquele serviço.

Os seringueiros se organizaram e foram, em umas 70 pessoas, para o local do desmatamento.

Enquanto eles cercavam o local, impedindo com os próprios corpos a passagem das máquinas, outros seringueiros desmontavam os acampamentos e convenciam pacificamente os peões a pararem com aquele trabalho, mostrando-lhes os danos que eles estavam causando. Mais tarde, as próprias famílias dos seringueiros começaram a participar dos empates, pois, pelo menos com as crianças na frente dos pistoleiros e dos policiais, que às vezes, também eram chamados para dispersar os empates, estes não ousavam atirar.





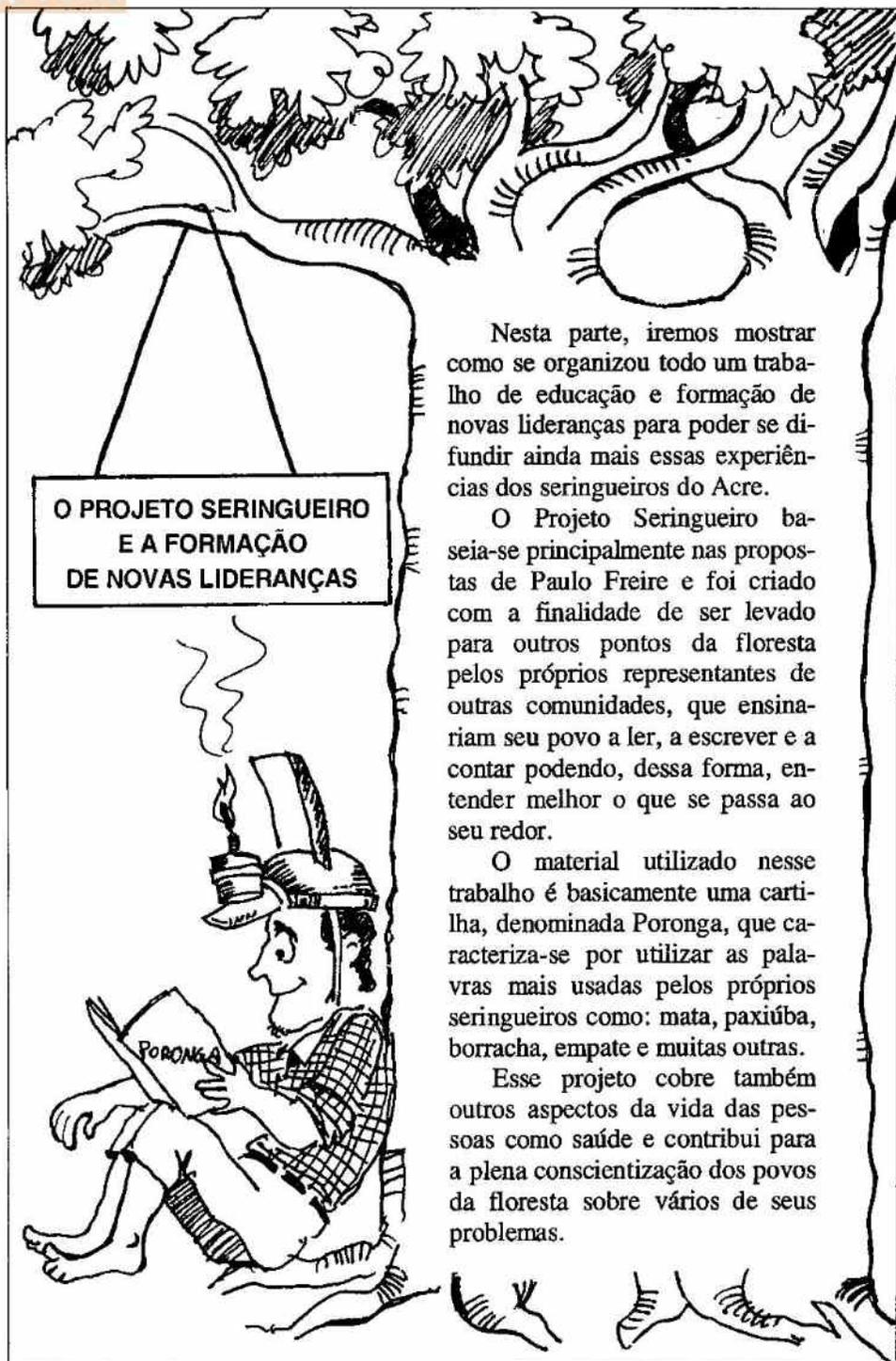
No entanto, para que toda esta luta possa dar frutos capazes de difundir as experiências adquiridas durante esses anos, tornou-se necessária a formação de uma aliança entre os diversos povos que vivem na floresta.

© ALTAMIRA
ENCONTRO DOS
POVOS DO XIINGU

Dessa forma, os seringueiros do Acre começaram a contatar algumas lideranças indígenas através da UNI, a União das Nações Indígenas, além dos castanheiros, dos ribeirinhos e até dos colonos e dos habitantes de outras regiões da Amazônia.

Desse trabalho todo nasceu a Aliança dos Povos da Floresta, que representa um passo fundamental para a preservação da Amazônia pelos seus próprios habitantes e que com o apoio de entidades busca uma nova forma de aproveitar os recursos da mata sem acabar com a vida da floresta e dos seus povos.

Este trabalho está apenas começando e merece o apoio de todo o conjunto da sociedade.
Ou será que não ?



O PROJETO SERINGUEIRO
E A FORMAÇÃO
DE NOVAS LIDERANÇAS

Nesta parte, iremos mostrar como se organizou todo um trabalho de educação e formação de novas lideranças para poder se difundir ainda mais essas experiências dos seringueiros do Acre.

O Projeto Seringueiro baseia-se principalmente nas propostas de Paulo Freire e foi criado com a finalidade de ser levado para outros pontos da floresta pelos próprios representantes de outras comunidades, que ensinariam seu povo a ler, a escrever e a contar podendo, dessa forma, entender melhor o que se passa ao seu redor.

O material utilizado nesse trabalho é basicamente uma cartilha, denominada Poronga, que caracteriza-se por utilizar as palavras mais usadas pelos próprios seringueiros como: mata, paxiúba, borracha, empate e muitas outras.

Esse projeto cobre também outros aspectos da vida das pessoas como saúde e contribui para a plena conscientização dos povos da floresta sobre vários de seus problemas.

A destruição provocada tanto pelos latifúndios como pela instalação de grandes projetos hidrelétricos e de mineração, nunca leva em conta os interesses das populações locais, mas apenas interesses econômicos, mesquinhos e imediatistas.

Para se combater isso, é fundamental o engajamento de várias instituições, associações e entidades civis, no apoio e na divulgação das lutas dos povos da floresta, suas conquistas e dificuldades, o que certamente reverterá em ...

UNINDO FORÇAS!



... benefícios não só para as populações locais como também para os que apoiarem esta causa. Está em jogo não só a preservação de um patrimônio genético de valor inestimável, mas também a sobrevivência da própria humanidade.

Esse trabalho de conscientização prossegue, neste momento, com os colonos e agricultores dos projetos de assentamento da Amazônia, sabidamente inviáveis e que por desconhecimento a região colaboram com a devastação sem saber no que isto implica, para eles próprios.

Grandes Projetos

PROGRESSO OU DESTRUIÇÃO ?

O maior problema hoje enfrentado por todos estes povos é a destruição do ambiente onde eles vivem, com a implantação de projetos já conhecidos como: GRANDE CARAJÁS - Projeto de "Desenvolvimento" que ocupa cerca de 1/10 da Amazônia legal, provocando um desflorestamento não só para implantar sua infra-estrutura, como também para transformar as árvores em carvão vegetal para alimentar os alto-fornos. PLANO 2010 da ELETRONORTE - pretende instalar mais 76 usinas hidrelétricas na região, com a inundação de terras indígenas potencialmente ricas.

Projeto Calha Norte, além de outros projetos siderúrgicos e de mineração que desmatam a Amazônia, poluem rios e igarapés e ainda despejam substâncias altamente nocivas às populações, e o que é mais grave: com incentivos fiscais do governo, ou seja, com o dinheiro da própria população brasileira.

E o governo, o que oferece às populações nativas?

Terras sem nenhum valor, porque os produtos para sua sobrevivência como caça, pesca, frutos e outros alimentos não se encontram em qualquer lugar, além do que esses

povos têm uma ligação muito forte com sua terra, na qual eles cultivam suas pequenas lavouras, conhecendo cada árvore ou igarapé, o que é muito importante para eles.

As Reservas Extrativistas

Depois de muita luta, os Povos da Floresta propuseram a criação das Reservas Extrativistas, válidas tanto para seringueiros, como para os índios, castanheiros e ribeirinhos de toda a Amazônia.

Segundo essa proposta, cada área delimitada como Reserva Extrativista permaneceria sob a guarda e usufruto dos produtores organizados em cooperativas ou associações.

Essas reservas pertenceriam à União, porém seriam exploradas pelos seringueiros, ou seja, por quem mais conhece a região e todas as di-

ficuldades para se extrair os produtos sem destruir a Floresta.

Esse trabalho deveria ser acompanhado por outras instituições de pesquisa para orientar sobre novos produtos que poderiam ser extraídos, permitindo, por sua vez, um maior conhecimento sobre a floresta.

Dessa forma, tal proposta pode ser considerada como a mais avançada em termos de aproveitamento dos recursos e preservação das matas, e tendo sido elaborada pelos próprios habitantes da região, a torna ainda mais importante e significativa.



A reação da UDR

A exploração dos trabalhadores pelos seringueiros ou pelos marreteiros passou até por fases de trabalho escravo.

Com a expansão da fronteira agrícola, ou agrária, a partir dos anos 70, a Amazônia passou a ser ocupada por fazendeiros do sul do país, devido aos baixos preços das

terras e pelos incentivos oferecidos pelo governo.

Por isso, nunca a organização da resistência dos povos da floresta esteve tão difícil como hoje em dia. Isso porque a estruturação da UDR na Amazônia, visa exatamente a contenção de todo esse trabalho pela melhoria das condições de vida e ...



... de trabalho desenvolvido pela Aliança dos Povos da Floresta.

No Acre, mais especificamente nas regiões de Brasiléia e de Xapuri, as atividades da UDR passaram pela elaboração de listas negras das lideranças a serem eliminadas, nas quais o nome de Chico Mendes sempre foi lembrado.

A articulação de reuniões com a presença de autoridades policiais e governamentais onde se definia quando e como se daria a continuidade visava defender os mesquinhos interesses de uns poucos proprietários de terra, que nunca se contentaram com os lucros que já viam tendo.

O Reconhecimento Internacional

Em 1987, uma comissão da ONU - Organização das Nações Unidas - visitou Xapuri para conhecer o trabalho dos seringueiros do Acre.

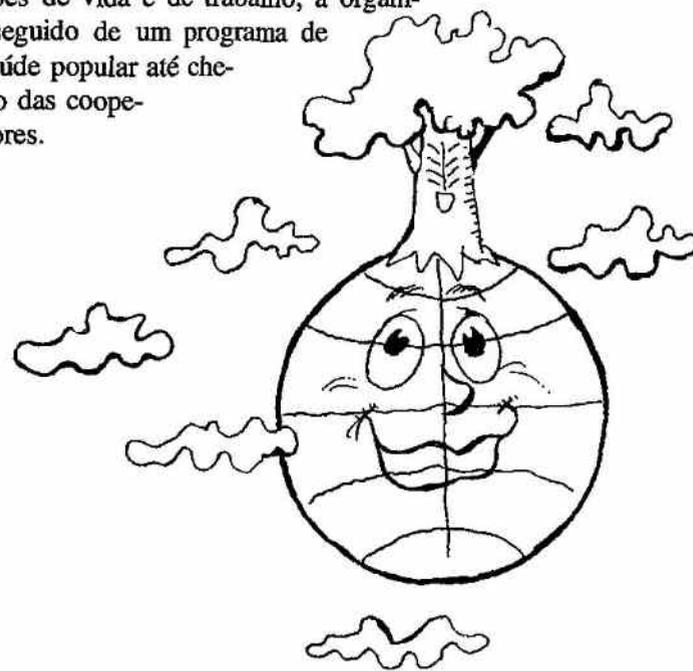
Logo constataram a importância do trabalho dos seringueiros para preservação da floresta. Esses mesmos observadores puderam ver como os dólares emprestados pelos bancos internacionais ajudavam a destruir a vida, financiando projetos já citados ou a construção de estradas nessa região.

Preocupados em preservar a Amazônia não somente por causa dos efeitos de sua devastação sobre o clima do planeta como também pelo desrespeito aos direitos humanos dos habitantes da região, tanto a ONU como a Sociedade para um Mundo Melhor dos EUA, premiam o trabalho de Chico Mendes.

Esses prêmios fizeram com que Chico pudesse divulgar ainda mais suas propostas, que acabaram ficando mais conhecidas no exterior que em seu próprio país.

As propostas da Aliança dos Povos da Floresta conseguem conciliar coisas aparentemente incompatíveis como: a luta por melhores condições de vida e de trabalho, a organização sindical, seguido de um programa de educação e de saúde popular até chegar à organização das cooperativas de produtores.

Tudo isso, sustentado por uma luta maior, de preservação de um bem que pertence a todos os habitantes do planeta, tanto para os atuais quanto para os futuros.



Todo fim é também um recomeço

Em 22 de dezembro de 1988 Chico Mendes sofreu o sétimo e último atentado contra sua vida ao sair para tomar banho, em sua própria casa.



De nada adiantaram as denúncias feitas às autoridades governamentais e policiais, nem os dois policiais militares colocados à sua disposição que deveriam protegê-lo a vida.

Sua morte fôra anunciada num jornal da UDR um mês antes, onde se lia que: "Uma bomba de 200 megatons está para explodir na Amazônia, com repercussões nacionais e até internacionais".

Mesmo com toda onda de protestos e indignação gerada em todo o mundo, muitos dos responsáveis pelo crime continuam livres e impunes.

Como sabemos, a justiça é lenta e não há interesse em solucionar o caso por parte das autoridades. Porém, com o esforço de entidades como a OAB, a CUT e de advogados que querem ver este crime esclarecido, este processo, mesmo que lentamente, vai caminhando no sentido de julgar responsáveis,

sendo que três deles já foram pronunciados.

Este processo não elimina a insegurança de outras lideranças, também ameaçadas de morte e que, mesmo com esse julgamento, não têm suas vidas protegidas.

Felizmente, o trabalho já desenvolvido permite à Aliança dos Povos da Floresta seguir levando suas idéias adiante.

O apoio de outros movimentos e entidades engajados nesta luta permite a viabilização de vários projetos em andamento, além de dar uma verdadeira "lição de vida e de organização" a outros setores da sociedade possibilitando encontrar novas soluções para antigos problemas.

Não podemos portanto, ignorar o direito à vida de outros povos, que embora distantes, têm tanto a nos ensinar.

Esse é o nosso desafio !...

O QUE PODEMOS CONTINUAR FAZENDO, POR CHICO E POR NÓS MESMOS ?



O SENTIDO DA LUTA ECOLÓGICA

O assassinato de Chico Mendes obrigou largas parcelas da opinião pública a observarem o quanto a luta ecológica está ligada às lutas dos trabalhadores. O assassinato de Chico ocorre em um momento em que o país atravessa profunda crise social, política e econômica, acompanhada de uma devastação sem precedentes da Natureza.

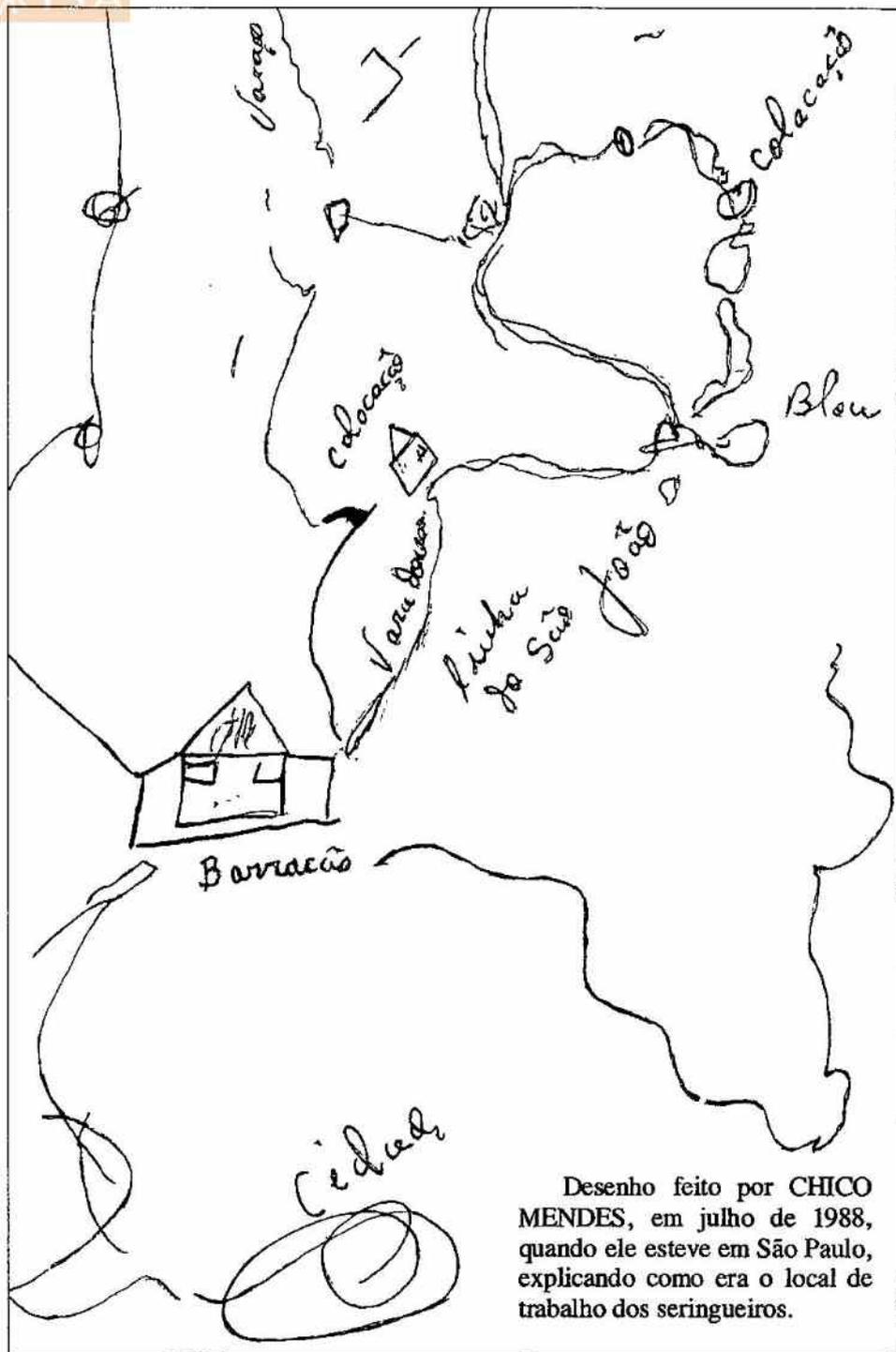
O despreparo político das chamadas "elites nacionais" em dar resposta à crise, torna ainda mais importante o exemplo dos seringueiros da Amazônia, de cujas lutas Chico Mendes era a expressão mais acabada. Ao trabalharem no sentido de organizarem sindicatos, de articular o Conselho Nacional de Seringueiros e desenvolverem esforços em unir diferentes setores da população oprimida da Amazônia na Aliança dos Povos da Floresta, conseguiu-se unificar diferentes lutas, todas de interesse do povo.

Unindo-se a luta sindical à luta ecológica e ambas por sua vez, ao reconhecimento do direito de cada

grupo manter a sua cultura, conseguiu-se responder às questões colocadas pelo avanço do "progresso". Foi a união destas lutas que deram reconhecimento internacional às propostas dos Povos da Floresta. A luta dos seringueiros mostrou mais uma vez que quando o povo organizado está convicto da justiça de suas propostas, de nada adianta a prepotência dos poderosos.

Esta luta continua. São seus instrumentos fundamentais os Sindicatos, o Conselho Nacional de Seringueiros e a União das Nações Indígenas, representando forças sociais que lutam por um modelo alternativo de relação com o meio-ambiente e dos homens entre si.

Longe de pretender a transformação de Chico Mendes em um mito deslocado das forças sociais que lhe deram origem, esta cartilha pretende mostrar a necessidade da organização popular para que este mundo seja de fato um mundo melhor, baseado em uma sociedade mais justa e democrática.



Desenho feito por CHICO MENDES, em julho de 1988, quando ele esteve em São Paulo, explicando como era o local de trabalho dos seringueiros.

CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS

Travessa Traumaturgo de Azevedo, 51 - Rio Branco
ACRE - CEP 69900 - Telefone (068) 224.2970

presidente: Julio Barbosa de Aquino (Xapuri)
1º vice-presidente: Pedro Ramos (Macapá)
2º vice-presidente: Francisco Barbosa de Melo (Cruzeiro do Sul)
1º secretário: Osmarino Amâncio Rodrigues (Brasiléia)
2º secretário: Osmar da Costa Vale (Novo Aripuanã)
1º tesoureiro: Raimundo Mendes de Barros (Xapuri)
2º tesoureiro: Gersnon de Castro (Palácio de Castro)

suplentes de diretoria: José Juarez Leitão (Feijó)
Raimundo Aprígio da Silva (Rio Branco)

conselho fiscal (efetivos): Sandoval Batista de Araújo (Assis Brasil) - Francisco Vasconcelos de Freitas (Boca do Acre) - Antonio Carlos Lima (Pauini)

conselho fiscal (suplentes): Raimundo Ramos Leitão (Ariquemes) - Raimundo Rodrigues de Sá (Sena Madureira) - Gracias Martins de Lima (Carauari)

conselho deliberativo: Atanagildo de Deus Matos (Marabá) - Arnaldo Deocídio Ferreira (Curionópolis) - Francisco Soares de Mendonça (Manoel Urbano) - Francisco Lopes da Silva (Taruacá) - Valdecir Alves Gomes - Maria da Costa (Humaitá) - Antônia Soares Ribeiro (Xapuri) - Graciano Domingos (Afuá) - Calixto Pinto de Souza (Laranjal do Jari) - Sebastiana do Nascimento Melo (Novo Aripuanã) - Damião Gonçalves da Silva (Cruzeiro do Sul) - José da Silva Ferreira (Brasiléia) - Manuel Teófilo (Guajará Mirim) - Nilo Freitas de Barros (Jutaí) - Márcia Pereira dos Santos (Bolívia) - Lúcia Magalhães Teixeira (Rio Branco)

DEPARTAMENTO RURAL DA CUT

Rua Ouvidor Peleja, 112 - V. Mariana - São Paulo
SAO PAULO - CEP 04128 - Telefone: (011) 577.4833

COMITÊ DE APOIO AOS POVOS DA FLORESTA SP

Correspondência a/c Centro Jorge Vasconcelos: Av. Dr. Arnaldo, 128
SÃO PAULO - CEP: 01246 - Telefone: (011) 256.0521

Maurício Waldman (coordenador), Dan Moshe Schneider, Celso Sekiguchi, Ana Muniz, Sônia Furian, Bernadete A. C. Oliveira, Márcio Amazonas, Paula Raveli Losada, Edna, Norma e Leide Bezerra.

expediente:

EDIÇÃO: Comitê de Apoio aos Povos da Floresta SP
 texto Bernadete A. C. de Castro Oliveira, Celso Sekiguchi e Edna
 revisão Maurício Waldman, Ana Muniz, Dan Moshe Schneider e Sônia Furián
 DIAGRAMAÇÃO Valter (Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco)
 FOTOS: capa: Homero Sergio/Folhas - verso: Vera Iursys
 ILUSTRAÇÕES: Eton, Valter e Grupo de Arte Canteiro de Obras (Osasco)
 ARTE-FINAL E IMPRESSÃO Departamento de Produção Gráfica do PT DR/SP
 edição de arte Paulo Marcondes Machado Filho
 composição Cnstina de Azevedo - edição: Alencar Ramos
 paste-up Dazi Antunes Corrêa - fotolito Wilson Roberto Ferreira
 impressão Gráfica PT DR/SP - capa. Gráfica e Editora FG

agosto 1989

SAGA DA AMAZÔNIA

Vital Farias

Era uma vez na AMAZÔNIA a mais bonita floresta
 mata verde céu azul a mais imensa floresta
 no fundo d'água as IARAS, caboclo, lendas e mágoas
 e os rios puxando as águas

PAPAGAIOS PERQUITOS cuidavam de suas cores
 os peixes singrando os rios, Curumins cheios de amores
 sorria o JURUPARI, UIRAPURU, seu porvir
 era: FAUNA, FLORA, FRUTOS e FLORES.

Toda mata tem caipora para a mata vigiar
 veio CAIPORA de fora para a mata delinhar
 e trouxe DRAGÃO-DE-FERRO, prá comer muita madeira
 e trouxe em estilo GIGANTE, prá acabar com a capoeira.

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
 prá o DRAGÃO cortar madeira e toda mata derrubar
 se a floresta meu amigo tivesse pé para andar
 eu garanto meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá.

O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar
 e o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar ??
 depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
 IGARAPÉ, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar.

Mas o DRAGÃO continua a floresta devorar
 E quem habita essa mata prá onde vai se mudar ???
 Corre ÍNDIO, SERINGUEIRO, PREGUIÇA, TAMANDUÁ
 TARTARUGA, pé ligeiro, corre-corre TRIBO DOS KAMAIURA

No lugar que havia mata, hoje há perseguição
 grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
 castanheiro, seringueiro já viraram até peão
 agora os que já morreram como ave-de-arribação
 Zé da Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
 gente enterrada no chão:

Pois mataram ÍNDIO que matou grileiro que matou posseiro
 disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
 ROUBOU SEU LUGAR

Foi então que um VIOLEIRO chegando na região
 ficou tão penalizado e escreveu essa CANÇÃO
 e talvez, desesperado com tanta DEVASTAÇÃO
 pegou a primeira estrada sem rumo, sem direção
 com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa
 dentro do seu CORAÇÃO.

Aqui termino essa história para gente de valor
 prá gente que tem memória muita crença muito amor
 prá defender o que ainda resta sem rodeio, sem aresta
 ERA UMA VEZ UMA FLORESTA NA LINHA DO EQUADOR.

